

A crise como mercadoria e o existencialismo vulgar: uma entrevista com Diego Rodstein Rodrigues sobre o cancelamento do futuro no cenário digital¹

Ygor Klain BELCHIOR²

Resumo: A entrevista, realizada em 08 de abril de 2026, analisa a trajetória intelectual e as investigações de Diego Rodstein Rodrigues, com foco na formulação do conceito de Existencialismo vulgar. O pesquisador descreve como a angústia, tradicionalmente compreendida como abertura para o projeto e a revolta, é capturada pela lógica do mercado e convertida em produto de consumo estável. Através de um diálogo interdisciplinar entre a fenomenologia sartreana e a cultura pop, Rodrigues examina produções como *Bojack Horseman* e *Disco Elysium* para identificar uma neutralização da agência humana em favor de um hedonismo derrotista. Por fim, converge para a criação de um laboratório de história digital e a organização de repertórios de dados, atividades vinculadas aos projetos de pesquisa financiados pela FAPEMIG (APQ-

¹ Nota Metodológica: Esta publicação contou com o suporte da inteligência artificial generativa (Gemini 3.0) para fins estritamente triviais e organizacionais, aplicados à revisão gramatical, ao ajuste de estilo e à busca por concisão técnica. O processo de interação baseou-se nos seguintes comandos: para estilo, ['Revise o texto para garantir concisão radical, eliminando adjetivos vagos e jargões, mantendo o tom neutro e frases curtas']; e para gramática, ['Realize a revisão ortográfica e gramatical normativa, preservando a terminologia específica da área de História']. Em conformidade com a Portaria CNPq 2.664/2026 e o Código de Conduta do LATHIMM/UFRJ, declara-se que não foram inseridos dados sensíveis ou manuscritos sob sigilo de terceiros durante o processamento. Os autores revisaram e validaram integralmente todas as saídas geradas, assumindo responsabilidade total e exclusiva pelo conteúdo final, garantindo o rigor e a integridade da pesquisa científica apresentada.

² Ygor Klain Belchior é Doutor em História Social (USP), Mestre, Licenciado e Bacharel em História (UFOP). É Diretor Acadêmico e Professor na Unidade Campanha da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Bolsista de Incentivo ao Pesquisador de Desenvolvimento Tecnológico (BIPDT – Nível A) pela FAPEMIG. Líder do LEPHAMA e do LADIP, coordena os projetos financiados pela FAPEMIG: APQ-02016-25, FCT-00013-25 e APQ-08616-25. Campanha-MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6690-6396>. E-mail: ygor.belchior@uemg.br.

02016-25 e APQ-08616-25), que fundamentam a análise crítica das mídias sociais e da produção de subjetividades no século XXI.

Diego Rodstein Rodrigues é bolsista de pós-doutorado júnior (CNPq) junto à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e possui doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2019), com estágio doutoral focado em fenomenologia e psicanálise existencial. Atualmente, coordena o projeto de pesquisa sobre Existencialismo vulgar na cultura pop, investigando a captura das subjetividades pelo realismo capitalista. Sua atuação docente abrange a coordenação de cursos de licenciatura e à docência no ensino superior, com produção bibliográfica voltada para a interseção entre filosofia francesa, teoria crítica e história digital. É colaborador de projetos vinculados à FAPEMIG (APQ-02016-25 e APQ-08616-25), voltados para a organização de bancos de dados e repertórios de história nas mídias sociais.

Ygor Klain Belchior: Diego, é um prazer recebê-lo para esta discussão, especialmente considerando o fomento recente da FAPEMIG ao nosso laboratório e a relevância de suas pesquisas para o campo das humanidades digitais. Gostaria de iniciar recuperando a sua trajetória intelectual. Como ocorreu o seu contato inaugural com a tradição existencialista e em que medida essa experiência determinou a centralidade desse eixo em sua direção acadêmica, desde a graduação até o estágio atual de pesquisa?

Diego Rodstein Rodrigues: Meu primeiro contato com o existencialismo aconteceu ainda na graduação na Universidade Federal de Santa Catarina, em uma disciplina de História da Filosofia IV com o professor Antônio Mariano. As aulas eram divididas entre filosofia continental e filosofia analítica, o que criava um certo contraste de abordagens ao longo do mesmo encontro. Em um desses momentos, depois de trabalhar o debate entre Ernst Cassirer e Martin Heidegger, ele pediu a leitura de *O Existencialismo é um Humanismo*. Eu li o texto no mesmo dia, em casa, em um xerox, e aquilo caiu como uma bomba para mim. Nesse momento, ficou claro que aquele era um caminho que eu queria seguir de pesquisa. A partir dessa leitura, comecei a me aproximar mais das obras de Jean-Paul Sartre, principalmente *O Ser e o Nada*, que faz uma relação maior entre as questões da fenomenologia com o existencialismo. Isso

aconteceu ainda no segundo ano da graduação. A partir daí, passei a voltar minhas leituras e escolhas de estudo. Aos poucos, o existencialismo se tornou um eixo mais estável dentro da trajetória da minha pesquisa. O que me fez escrever meu TCC, meu mestrado, meu doutorado e, atualmente, ainda colaborando com meu pós-doutorado.

Ygor Klain Belchior: Em que momento você percebeu que o existencialismo, ao ser incorporado por certas formas da cultura popular, se transformava em algo que você chamou de vulgar? O que te levou a identificar essa “neutralização” da revolta na cultura contemporânea?

Diego Rodstein Rodrigues: A primeira coisa que eu precisei ajustar foi a própria ideia de existencialismo vulgar. O termo pode sugerir uma divisão entre um existencialismo legítimo e outro empobrecido, mas não é isso que eu quero mostrar. A questão não passa por separar erudição e superficialidade, nem por dizer que a cultura pop necessariamente produz formas degradadas de pensamento. A experiência existencial atravessa a vida cotidiana e não depende do espaço acadêmico para ter densidade. Há vivências de angústia e desamparo que não passam pela teoria e que não podem ser tratadas como formas menores. O ponto que me interessou foi outro. A vulgarização aparece ligada a um tipo específico de construção, que é ideológica e mercadológica. Trata-se de um processo em que a crise existencial é capturada pelo sistema capitalismo como forma de controle de nossos afetos com as condições que nos são apresentadas de realidade e convertidas em algo que pode circular e ser consumido. Nisso, a crise deixa de operar como abertura para o projeto e passa a funcionar como uma forma inofensiva de relação com o sistema capitalista. Isso começou a ganhar forma em um período em que eu trabalhava em uma universidade em São José dos Campos, junto com o professor Bruno Marconi, que hoje está na Universidade Federal de São João del-Rei e participa do meu grupo de estudos, o LEPHAMA. Em uma conversa de intervalo, surgiu a discussão sobre o jogo *Disco Elysium* e sobre a forma como ele tratava questões existenciais. Era algo como se ele tentasse traduzir o vazio existencial, mas carregado de um fatalismo individual que não parecia se adequar a teoria, um tanto quanto revoltosa e com força de revolução, do existencialismo sartreano. Em nossa conversa, lembro que Bruno citou o conceito de conceito de marxismo vulgar e que

talvez houvesse algo semelhante no campo do existencialismo. A ideia começou ali como uma hipótese ainda pouco definida e foi sendo desenvolvida aos poucos, à medida que eu tentava entender como essa apropriação operava.

O conceito ficou mais forte quando entrei em contato com a obra de Mark Fisher, especialmente a partir da noção de realismo capitalista. Fisher me ajudou a compreender que aquele problema inicial estava associado a um diagnóstico mais amplo sobre a cultura contemporânea, sobretudo no que diz respeito à redução do horizonte de possibilidades de futuro. Essa ideia de um lento cancelamento do futuro, que Fisher toma emprestado de Franco Berardi, parecia ter forte relação com as percepções que eu tinha sobre como o existencialismo vulgar opera. Ou seja, o existencialismo vulgar fala sobre uma dificuldade crescente de projetar a existência para além do presente, o que impacta diretamente a maneira como a crise existencial e o próprio projeto é vivido. A ruptura da crise se mantém, mas passa a operar em um regime em que ela não se desdobra em transformação, apenas satisfaz um sujeito que em uma forma de hedonismo, aprecia a sua crise quase como um estilo de vida. O que gira em torno do conceito de existencialismo vulgar é que ele se mantém como algo facilmente reconhecível e, em certa medida, confortável dentro da própria repetição. Foi através disso, uma junção entre cultura pop, crítica do capitalismo e teoria existencial que a ideia de existencialismo vulgar começou a se consolidar como um problema de pesquisa mais definido.

Ygor Klain Belchior: A partir dessa ideia de existencialismo vulgar, quais efeitos você notou na forma como as pessoas vivem ou consomem cultura hoje?

Diego Rodstein Rodrigues: A ideia é que o consumo se dá em duas vias. Existe uma realidade imposta a nós, que nos diz que o caminho pelo qual a humanidade está sendo levada é um caminho que não satisfaz projetos felizes ou satisfatórios, ou até mesmo, como eu posso dizer, positivos de alguma forma para os sujeitos. E existe uma percepção do mercado de que essa sensação está imbuída na gente. Ou seja, uma via do sujeito que expressa o seu descontentamento com os rumos da sociedade, e uma via do mercado que entende esse descontentamento e transforma ele em mercado, transforma ele em produto. Então, existe hoje uma certa sensação, de que as coisas não estão

caminhando para algo bom e que isso gera um tipo de humor, às vezes, ou humor no aspecto de uma comédia sarcástica e derrotista. Ao mesmo tempo, também gera uma certa passividade do sujeito, porque, no final das contas, por mais que tenhamos essa sensação de que os rumos não são bons, o mercado vende para nós a ideia de que nós não temos mais agência acerca dos rumos que foram tomados, porque esse rumo é o natural, fazendo a gente acreditar que é assim que a humanidade irá acontecer, não tem o que fazer mais. O que resta para nós então seria apenas mitigar talvez um pouco os danos do que foi feito ao longo do tempo pelo capitalismo e pelo modo pelo qual o capitalismo foi se desenvolvendo nesse estágio mais tardio dele. Ao mesmo tempo, acredito que esse mercado que enxergou nisso um produto de grande valor cada vez mais tem usado disso. Então você vê, tem uma série de produções de séries, filmes, produções audiovisuais em geral que usam desse humor, usam dessa sensação como uma forma de construir o que é o sujeito diante disso. Então você pega, por exemplo, *Fleabag* ou *Bojack Horseman* ou até *Rick and Morty* são séries que satirizam essa postura sarcástica e derrotista, mas também reproduzem uma forma de encarar a realidade, gerando assim uma postura generalista que deveríamos ter diante dessa sensação de que não há mais futuro e que o que tem hoje é tudo que poderemos ter. Além disso, hoje vemos um aumento estrondoso de discursos apocalípticos e distópicos nas mídias, que trazem essa sensação de que a sociedade ruiu ou está ruindo e que o caminho da ruína é o único. Então, no final das contas, isso produz nas pessoas algo que potencializa essa sensação de impotência diante dos rumos.

Ygor Klain Belchior: Com base nesses desdobramentos que você percebe, qual você considera o principal desafio ou dilema atual para uma filosofia existencial que não seja capturada por essa lógica que você descreveu?

Diego Rodstein Rodrigues: O que começa a aparecer é um modo de relação com a cultura que se organiza em um circuito bastante fechado. Existe uma percepção difusa de que os rumos da sociedade não apontam para um horizonte satisfatório, e essa percepção não surge apenas como opinião isolada, mas como experiência compartilhada que implica diferentes formas de vida. Ao mesmo tempo, essa sensação é capturada e reorganizada pela própria lógica cultural, que a transforma objeto de consumo. Ou seja,

o consumo passa a operar nesse duplo movimento. De um lado, há a expressão de um descontentamento real com o presente. De outro, há a incorporação desse descontentamento em produtos culturais que devolvem essa mesma experiência já formatada. Nesse processo, a crise existencial deixa de funcionar como ruptura e passa a se estabilizar como linguagem recorrente, reconhecível e facilmente assimilável.

Isso tem efeitos diretos na forma como o sujeito se percebe e se posiciona. A sensação de que os caminhos disponíveis estão bloqueados tende a se combinar com a ideia de que não há margem efetiva de intervenção. Esse enquadramento produz um tipo de humor específico, frequentemente marcado por um tom sarcástico e derrotado, que aparece em diversas produções contemporâneas. Séries como *Fleabag*, *BoJack Horseman* e *Rick and Morty* exploram esse registro ao construir personagens que reconhecem a inconsistência do mundo em que vivem, mas permanecem presos a esse reconhecimento. A ironia não se desdobra em ação transformadora, pois ela já aparece integrada à própria forma de vida. Nesse sentido, o humor funciona como uma espécie de acomodação reflexiva, na qual a crítica se mantém no plano da enunciação e não alcança a dimensão do projeto.

Por outro lado, eu acredito que existe hoje alguns movimentos que tentam trazer o oposto disso, como, por exemplo, o afrofuturismo, o *solarpunk* ou o *hopepunk*. Essas estéticas são formas de se imaginar sociedades que repensaram, por exemplo, suas matrizes energéticas, repensaram os modos de organização social, repensaram a relação entre sujeito e natureza de forma mais bem integrada na relação humano e recursos naturais. Eu acredito que o debate ambiental, por exemplo, é um debate que pode criar horizontes muito frutíferos para uma imaginação mais otimista acerca dos rumos da humanidade e que todos esses debates acabam sempre na ideia de que a superação e o abandono do sistema capitalista é a única forma da sociedade prosperar. Então existe hoje uma série de movimentos culturais que tentam mostrar caminhos distintos, e talvez o uso desses modelos que estão sendo apresentados como espaço de debate sobre possibilidades de ultrapassar o modelo capitalista seja algo interessante de ser feito hoje.

Ygor Klain Belchior: Então, você diria que, após o que consolidou no existencialismo vulgar, há novas pesquisas em andamento que expandem ou complementam esse trajeto? Quais seriam essas linhas que você está desenvolvendo agora?

Diego Rodstein Rodrigues: Atualmente, eu tenho desenvolvido uma pesquisa em conjunto com o professor George Aires, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, na qual a gente analisa a estética gótica contemporânea em relação com melancolia, nostalgia e distopia no contexto do capitalismo tardio. Esse trabalho surge como um desdobramento direto daquela questão mais geral sobre a naturalização dos caminhos do capitalismo. A proposta foi recortar um objeto mais específico e observar como uma forma estética historicamente associada à crítica passou no capitalismo tardio a operar dentro de outra lógica. O que aparece nesse movimento é que a estética gótica continua mobilizando temas ligados à crise e ao mal-estar, mas já inserida em circuitos de produção cultural que reorganizam esses elementos como superfície estilística. Nesse processo, a dimensão histórica que sustentava essa estética perde força, e o que permanece é um modelo mercantilizado e descolado da história do movimento.

Se a gente olha para o contexto do pós-punk dos anos 1980, com bandas como *The Cure* e *Siouxsie and the Banshees*, a estética gótica aparece vinculada a uma experiência histórica específica, fortemente marcada pela crise econômica, a perda de direitos trabalhistas, a crise dos sindicatos e pela consolidação de políticas neoliberais. A melancolia, nesse caso, era algo como uma forma de elaboração dessa experiência, uma resposta mesmo a essas mazelas, mantendo uma relação de tensão com o seu presente histórico. Para além da parte subversiva das vestes e cabelos, ela estava ligada a uma recusa das condições impostas. Já no cenário contemporâneo, o que se observa é uma transformação dessa lógica. A estética permanece, mas seu funcionamento se altera. Em produções recentes como a série *Wandinha* ou nas releituras de obras como *Frankenstein* e *Drácula*, o gótico aparece mais limpo e menos ligado a uma melancolia de ruptura com seu tempo. O sentimento melancólico dessas obras deixou de operar como forma de tensão e passou a ser um registro mais esvaziado, muitas vezes associado a um certo tédio que não se desdobra em questionamento mais amplo.

É nesse ponto que surge a ideia de um museu imaginário que guia a tese central do artigo. O que entendemos no artigo é que as formas do passado melancólico do gótico são constantemente revisitadas, mas sem a reativação das condições históricas que lhes davam sentido. A repetição não produz conflito, pois ocorre em um regime em que os elementos já aparecem descolados de sua função crítica. O sujeito que se reconhece nessa estética tende a se inserir em um modelo de experiência mais ajustado ao presente, no qual a melancolia é incorporada como parte da própria identidade cultural e transfigurada em uma apatia entediada. A estética continua evocando crise, mas ela evoca dentro de um enquadramento que limita sua capacidade de produzir ruptura.

Ygor Klain Belchior: Pensando na sua experiência como pesquisador, há algum autor ou obra contemporânea que você considera um ponto de apoio ou inspiração para ir além desse quadro distópico que analisou?

Diego Rodstein Rodrigues: Como já mencionei anteriormente, um autor que aparece como ponto de apoio importante nas minhas leituras é Mark Fisher, principalmente pela forma como ele descreve o fechamento do horizonte de possibilidades dentro do que ele chama de realismo capitalista. A força do diagnóstico está em mostrar como a dificuldade de imaginar outros modos de vida é traço estrutural da cultura contemporânea. Ao mesmo tempo, esse próprio diagnóstico abre um espaço de reflexão, porque ele evidencia que esse bloqueio é natural produzido historicamente. Outro autor que tem me chamado muito a atenção nesse percurso é Fredric Jameson. A partir dele, ficou mais claro mim como a cultura passou a operar como reciclagem estética, o que ajuda a entender por que certas estéticas continuam presentes mesmo depois de perderem o vínculo com as condições que as originaram.

Ygor Klain Belchior: Como você enxerga que sua produção influencia o debate público ou acadêmico? Há algum impacto que você já observou ou que você espera que seus trabalhos possam trazer?

Diego Rodstein Rodrigues: Eu ainda sou um pesquisador recente, né? Apesar de já estar há algum tempo pesquisando, minha pesquisa não é super difundida nem nada

disso. Acho que o principal impacto é entre os meus alunos. Entre os meus alunos, eu vejo que a minha pesquisa tem uma grande aderência, talvez por dialogar muito com a realidade do mundo deles. O nosso laboratório tem desenvolvido muita coisa em torno de temas contemporâneos. Nossa pesquisa abarca um diálogo interdisciplinar muito legal, que dialoga com diversos temas de humanidade e o mundo digital. Então eu vejo que esses temas têm grande aderência entre os estudantes, que estudam com a gente e vão atrás do que estamos fazendo para desenvolver suas pesquisas iniciais. Eu tive, durante o meu período como professor substituto na UFLA, um coorientando que estava trabalhando a figura do monstro no cinema fazendo um diálogo com a ética em torno do papel do monstro. Tenho uma coorientanda da UFSJ, a Gabriela, que trabalha jogos vorazes e ela tem utilizado bastante das minhas bases e até mesmo do meu artigo do existencialismo vulgar para debater como que o a série de filmes Jogos Vorazes lê o seu tempo histórico. Então eu vejo que há uma grande aderência entre meus estudantes. E acho que é pela vivência com o virtual deles. Vivência com o audiovisual que eles têm hoje por causa da internet. Isso tem tido muito diálogo com a minha pesquisa e com a pesquisa do laboratório como um todo. O principal impacto é talvez nesse caminho de dialogar com os jovens pesquisadores que estão aí em áreas de humanidades.

Ygor Klain Belchior: Para fechar, olhando para o caminho que percorreu até aqui, que tipo de questão ou projeto você ainda sente que gostaria de investigar no futuro, que ainda tem instigado hoje?

Diego Rodstein Rodrigues: Atualmente, começamos a desenvolver um laboratório junto à FAPEMIG voltado para história digital, com o objetivo de criar um banco de dados que organize um repertório de história digital. Trata-se de um projeto muito recente, ainda em fase inicial, sem um desenvolvimento mais avançado até o momento. Paralelamente a isso, tenho pensado em realizar novos recortes de pesquisa sobre outras estéticas que vêm sendo transfiguradas e apropriadas na contemporaneidade, buscando entender de que maneira esses processos estão ocorrendo hoje. A partir da construção desses repertórios, a tendência é que se abram novas possibilidades de diálogo com o que já venho desenvolvendo.

Nesse sentido, ainda há um campo bastante amplo a ser percorrido, já que a minha pesquisa é recente e as ferramentas que estão sendo estruturadas no laboratório devem ampliar as possibilidades de investigação. Um ponto que também começa a se delinear é a tentativa de pensar a noção de contracultura, no sentido de entender se essas formas ainda podem ser compreendidas como práticas de enfrentamento efetivo ou se assumem hoje outros modos de existência. Essa questão envolve investigar se essas manifestações tiveram, têm ou podem vir a ter algum impacto na forma como o futuro é pensado. O caminho que venho seguindo aponta nessa direção, ainda em aberto, mas com um potencial bem interessante de desenvolvimento.

Ygor Klain Belchior: Diego, agradeço imensamente pela generosidade em compartilhar suas reflexões e pelos detalhes sobre a estruturação dos novos repertórios de história digital. É fundamental perceber como a teoria existencialista, quando tensionada pela prática laboratorial e pelo fomento da FAPEMIG, torna-se uma ferramenta de pesquisa com muitas possibilidades de estudo.

Diego Rodstein Rodrigues: Eu que agradeço o convite e a oportunidade de dialogar com você e com os demais organizadores. É gratificante ver como as pesquisas desenvolvidas no âmbito do nosso laboratório encontram espaço de interlocução em publicações de tamanha relevância acadêmica. Espero que esta entrevista contribua para o debate sobre os usos do passado e para o fortalecimento das nossas redes de pesquisa do LEPHAMA em humanidades digitais.

Referências bibliográficas

- Benjamin, W. Sobre o conceito de história. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política* (Obras escolhidas, volume 1). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Berardi, Franco 'Bifo'. *After the Future*. Edimburgo: AK Press, 2011.
- Bojack Horseman. Criado por Raphael Bob-Waksberg. Los Angeles: Netflix, 2014.
- Disco Elysium. Desenvolvido por ZA/UM. Londres: ZA/UM, 2019.
- Fisher, Mark. *Realismo capitalista*. São Paulo. Autonomia Literária. 2020.

- Fleabag. Direção: Phoebe Waller-Bridge. Produção de Two Brothers Pictures. Reino Unido: BBC, 2016.
- Frankenstein. Direção: Guillermo del Toro. Estados Unidos: Netflix, 2025.
- Jameson, Fredric. *A Virada Cultural: Reflexões sobre o pós-modernismo*. Trad. Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Jameson, Fredric. *Archaeologies of the Future: The desire called utopia and other science fictions*. London: Verso, 2005.
- Jogos Vorazes. Direção: Gary Ross. Produção de Nina Jacobson. Estados Unidos: Lionsgate, 2012.
- Rick and Morty. Criado por Justin Roiland e Dan Harmon. Burbank: Adult Swim, 2013.
- Rodrigues, Diego Rodstein. O existencialismo vulgar na cultura pop entre a utopia e a distopia no imaginário contemporâneo. *Trans/Form/Ação*, v. 47, n. 3, 2024. Disponível em <https://www.scielo.br/j/trans/a/YzSWjGmRVwzhKm5K8FkKCpR/>. Acesso em 21 abr. 2026.
- Sartre, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- Sartre, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2014.
- Wandinha. Criado por Alfred Gough e Miles Millar. Los Angeles: Netflix, 2022.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)